



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

BIANCA SILVA ARAUJO

**ANÁLISE DOS ASPECTOS SOCIOAFETIVOS NAS RELAÇÕES PARENTAIS: O
OLHAR DE MÃES DE CRIANÇAS DE ESCOLAS PÚBLICA E PRIVADA DA
CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

BIANCA SILVA ARAUJO

**ANÁLISE DOS ASPECTOS SOCIOAFETIVOS NAS RELAÇÕES PARENTAIS: O
OLHAR DE MÃES DE CRIANÇAS DE ESCOLAS PÚBLICA E PRIVADA DA
CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Psicologia.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Rabelo Loureiro.

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663a Araujo, Bianca Silva.
Análise dos aspectos socioafetivos nas relações parentais [manuscrito] : O olhar de mães de crianças de Escolas Pública e Privada da Cidade de Campina Grande- PB / Bianca Silva Araujo. - 2019.
33 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Cristina Rabelo Loureiro, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."
1. Relações parentais. 2. Socioafetividade. 3. Família. 4. Mãe. I. Título
21. ed. CDD 158.24

BIANCA SILVA ARAUJO

ANÁLISE DOS ASPECTOS SOCIOAFETIVOS NAS RELAÇÕES PARENTAIS: O
OLHAR DE MÃES DE CRIANÇAS DE ESCOLAS PÚBLICA E PRIVADA DA CIDADE
DE CAMPINA GRANDE-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento do Curso de Bacharelado em
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharela em Psicologia.

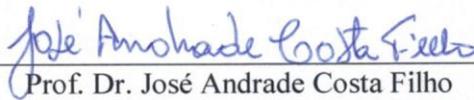
Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovada em: 27/11/2019.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Ana-Cristina Rabelo Loureiro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Andrade Costa Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus familiares, pela paciência, apoio, companheirismo e amor. Especialmente, às duas crianças mais incríveis deste universo: Daura Araujo (irmã) e Maria Eduarda Freitas (sobrinha) e ao Amor da Minha Vida Fábio Júnior Araújo (namorado), DEDICO.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Tabela referente à Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “O que você acha mais importante na relação com seu filho (a)?”	16
Tabela 2 –	Tabela referente à Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Na sua casa quem frequentemente dá orientação aos seus filhos?”	17
Tabela 3 –	Tabela referente à Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Como é dada a orientação ao seu filho?”	18
Tabela 4 –	Tabela referente à Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Em quem ou em que você se baseia para orientar o seu filho (a)?”	19
Tabela 5 –	Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “O que você faz quando seu filho (a) não age como você espera?”	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Conceituando família	8
1.2 A figura materna no relacionamento socioafetivo dos filhos	10
1.3 Relações parentais, estilos e práticas educativas	12
2 METODOLOGIA	14
2.1 Tipo de pesquisa	14
2.2 Participantes	14
2.3 Local	14
2.4 Instrumentos	14
2.5 Procedimento de coleta dos dados	14
2.6 Procedimento de análise dos dados	14
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22
APÊNDICE A –	27
ANEXO A –	28
ANEXO B –	31

ANÁLISE DOS ASPECTOS SOCIOAFETIVOS NAS RELAÇÕES PARENTAIS: O OLHAR DE MÃES DE CRIANÇAS DE ESCOLAS PÚBLICA E PRIVADA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB

Bianca Silva Araujo¹

RESUMO

Ao longo dos anos a família tem passado por inúmeras modificações tanto na sua forma de organização estrutural, como de relacionamento entre seus integrantes. Neste contexto de mudanças é possível observar uma crescente valorização do relacionamento socioafetivo, sobretudo, na interação entre mães e filhos, transcendendo os aspectos voltados para os cuidados básicos e pautando-se no suporte emocional e sentimental para estes. Este estudo objetivou analisar o olhar de mães de crianças de diferentes idades e contextos escolares sobre as relações socioafetivas, buscando especificamente compreender o que estas mães julgam ser relevante nas relações parentais, em que se baseiam para orientar seus filhos no processo educativo e que recurso é predominantemente utilizado no processo de orientação aos mesmos. Para tanto, foi realizado um recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/UEPB/CNPq cota 2017/2018, a qual teve como objetivo analisar as relações parentais sob o olhar de mães de crianças de diferentes idades e contextos escolares. Foram entrevistadas 32 mães de crianças, estudantes de escolas pública e privada, com idade variando entre 6 a 9 anos (quatro mães para cada faixa etária das crianças), sendo 16 com filhos estudantes de escola pública e 16, de escola privada, ambas na cidade de Campina Grande no estado da Paraíba. Para a realização da pesquisa os dados foram coletados por meio de questionários sociodemográficos e entrevistas semiestruturadas, devidamente gravadas com duração média de 10 minutos e analisadas com o auxílio do SPSS Statistic- Versão 20.0 e da técnica de análise de conteúdo bardiniana, respectivamente. O recorte feito se baseia no mesmo número de participantes e na mesma metodologia utilizada na pesquisa do PIBIC, porém os resultados estão relacionados aos objetivos deste estudo. Não existiram diferenças estatisticamente significativas entre as frequências de respostas das mães relativas às categorias em cada questão, considerando a idade das crianças e o contexto social das participantes. O relacionamento e a formação moral foram os principais aspectos valorizados pelas mães na relação socioafetiva. O diálogo e o controle do comportamento das crianças foram identificados como principais recursos da orientação no processo educativo, indicando, talvez, uma dicotomia entre estilo parental autoritativo e autoritário. Quanto às orientações dadas às crianças, estas se basearam, principalmente, na influência dos pais das participantes, enfatizando a importância das relações intergeracionais. Destaca-se, portanto, a importância das relações socioafetivas entre mães e filhos, principalmente com o diálogo e para o estilo autoritativo no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente.

Palavras-chave: relações parentais; socioafetividade; mães.

¹ Discente do curso de graduação em Psicologia, Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, E-mail: biapsicologia80@gmail.com

ANALYSIS OF SOCIAL-AFFECTIVE ASPECTS IN PARENTAL RELATIONSHIPS: THE LOOK OF MOTHERS OF PUBLIC AND PRIVATE SCHOOLS OF CAMPINA GRANDE-PB

ABSTRACT

Over the years the family has happened by changes in the organization of structural form and relationships between its members. In this context of changes, it is possible to observe a growing appreciation of the socio-affective relationship, especially in the interaction between mothers and children, transcending the aspects focused on basic attention and based on emotional and sentimental support for them. This article aims to analyze the view of children's mothers of different ages and school contexts on socio-affective relationships, seeking to understand what they consider relevant in parental relationships, considering mothers base to guide your children in the educational process and what resource is predominantly used in the child orientation process. Therefore, research on the Scientific Initiation of PIBIC / UEPB / CNPq quota 2017/2018 was carried out, which aimed to analyze how parental relationships under the eyes of mothers of children of different ages and school contexts. The study included 32 mothers of children, students from public and private schools, aged between 6 and 9 years (four mothers for each age group of children), 16 with children from public school and 16 from private school, both in the city of Campina Grande state of Paraíba. For the research, data were collected through socio-demographic questionnaires and semi-structured interviews, duly recorded with an average duration of 10 minutes and analyzed with the help of SPSS Statistic-Version 20.0 and the technique of bardinian content analysis, respectively. The cutout is based on the same number of participants and methodology used in the PIBIC research, but the results are related to the objectives of this study. There were no significant differences between the frequency of response of mothers regarding the categories, considering the age of the children and the social context of the participants. The relationship and moral formation were the main aspects valued by mothers in the socio-affective relationship. Dialogue and the control of children's behavior were identified as the main resource of guidance in the educational process, indicating, perhaps, a dichotomy between authoritative and authoritarian parenting style. The guidance given to children is based mainly on the influence of the participants' parents, emphasizing the importance of intergenerational relationships. It can be highlighted with this study an importance of socio-affective relationships between mothers and children, with emphasis on dialogue and authoritative style in the process of development of children and adolescents.

Keys-words: parental relationships; socio-affectivity; mothers.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente tem se verificado um expressivo aumento de pesquisadores interessados pelo tema das relações parentais, principalmente considerando as modificações culturais, sociais e econômicas e os diferentes arranjos de família, realidade que alude a questionamentos sobre a qualidade do relacionamento parento-filial. Dentre os múltiplos assuntos possíveis nesta área do conhecimento, analisa-se, especificamente, o papel dos pais no processo de educação, considerando a qualidade das interações entre mãe, pai e filhos, em relação à formação de valores, ao controle do comportamento, as condições gerais de

desenvolvimento (PIAGET, 1977,1993; WALLON, 1986; WINNICOTT, 1975,1980; BRONFENBRENNER, 1996, 2011).

Desde a modernidade até os dias atuais, estudos científicos indicam que a criança necessita da família para sustentar as suas necessidades biológicas, afetivas, cognitivas e sociais, reconhecendo que os pais são os principais atores de suporte neste processo (DESSEN; POLÔNIA, 2007; DIAS, 2011; ALVARENGA; WEBER; BOLSONI-SILVA, 2016).

Desse modo, pesquisadores como Gutierrez, Castro e Pontes (2011) e Quintero e Rodríguez-Gómez (2015), ressaltam a relevância das relações intersubjetivas materno-filiais, pois estes vínculos potencializam as condições para o desenvolvimento sociocognitivo das crianças e adolescentes.

Neste sentido, observa-se que as interações parento-filiais, especificamente entre mães e filhos, promovem crescimento e desenvolvimento não apenas nas primeiras instâncias de vida, mas em todo o ciclo vital destes.

Ressalta-se que embora se reconheça a importância da relação materno-filial, não se pretende, com isso, relegar a relevância do papel paterno no contexto familiar, principalmente no que se refere aos aspectos socioafetivos. Neste sentido, parte-se de uma compreensão de que não existe um modelo único de família, tampouco de papéis insubstituíveis tanto dos pais quanto das mães nas relações socioafetivas com as crianças e os adolescentes.

1.1 Conceituando família

Ao longo dos séculos, os estudiosos têm pesquisado sobre a importância da família no processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes, considerando os diferentes contextos históricos, sociais e culturais, em que se compreendem os arranjos familiares e a sua forma específica de lidar com a prole. Considerando que o tema principal deste trabalho é referente às relações socioafetivas da mãe com seus filhos, decidiu-se iniciar a discussão teórica sobre as concepções de família, esclarecendo que, na maioria dos casos, as relações parentais envolvem, principalmente a figura materna e a sua prole.

Para compreender as concepções de família a partir de uma perspectiva histórica, Ariès (1981) em sua obra sobre a história da criança e da família, argumenta que, na antiguidade e na idade média, a criança era reconhecida como um adulto em miniatura e as relações familiares eram voltadas para o poder de autoridade patriarcal, no qual, a mulher tinha apenas a função de procriação e cuidado. Neste sentido, compreendia-se a família muito mais como uma realidade social e moral do que sentimental.

A partir do século XV de modo gradual e lento, assistiu-se a uma transformação no sentimento de família e de infância, pois, havia um clima emocional mais acentuado entre pais e filhos. Adentrando na era moderna constatava-se uma maior valorização da criança e da relação materno filial apoiada na concepção de um modelo familiar nuclear, cuja composição era pai, mãe e filhos (ARIÈS, 1981).

Este modelo de família nuclear torna-se bastante defendido até meados do século XX, mas incorporando-se a ideia de privacidade, com o modelo de paternidade associado à manutenção da prole e o de maternidade relacionado ao cuidado e à afetividade dos filhos. Na idade contemporânea, no entanto, com as mudanças ocorridas na sociedade em relação à participação da mulher no trabalho, ao respeito a sua individualidade, pela sua autonomia decorrente do controle da natalidade, foram assistidas inúmeras mudanças que ocorreram na família, levando a se compreender novas formas de arranjos familiares e, por conseguinte, novos papéis atribuídos às figuras paternas e maternas, respectivamente (GALANO, 2006; FINELLI; SILVA; AMARAL, 2015).

Autores como Vitorello (2011) ressaltam que na contemporaneidade com as mudanças e diversidades de modos de agrupamento familiar e de arranjos, evidencia-se uma maior descentralização do papel exclusivamente paterno e uma maior centralidade familiar na figura materna, sendo esta ao longo dos anos, a principal representante dos cuidados parentais e mais recentemente da manutenção financeira do lar.

Piato, Alves e Martins (2013) pontuam que atualmente ainda parece existir uma tendência a valorizar as famílias tradicionais, reiterando o modelo nuclear. No entanto, há de se considerar que outros arranjos familiares, seguindo modelos monoparentais, plurais, adotivas e homoafetivas também carregam os critérios necessários à manutenção da família como o afeto, segurança física e psicológica e as relações de reciprocidade essenciais ao bem estar deste núcleo.

Conforme dados de revista publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2017) os modelos familiares passam por constantes modificações, observando-se, assim, que o modelo de composição familiar relativo ao pai, mãe e filhos, com laços biológicos, expande-se a outros modelos, representações e arranjos familiares, contando com a presença de casais com filhos de outros casamentos e/ou outros vínculos afetivos, caracterizando, assim, o que é chamado de “famílias mosaico”.

Contudo, de acordo com o mesmo instituto, o papel materno na família ainda é predominantemente associado à mãe com as principais funções de cuidado e afeto junto aos seus filhos. Ademais, pontua-se que ao longo dos anos, as famílias chefiadas por mulheres estão cada vez mais presentes na sociedade (BRASIL, IBGE, 2017).

As contribuições teóricas trazidas pela psicologia marcam a relevância da figura materna no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente, mas se faz necessário compreender que houve mudanças em relação às concepções de família e que estes avanços foram decorrentes de fatores sociais e culturais, os quais influenciaram novas configurações nas relações familiares e na modificação das funções do pai e da mãe, bem como das relações parentais (PRATTA; SANTOS, 2007).

Dentre os vários modelos teóricos adotados em relação à família assume-se, aqui, o modelo defendido por estudiosos como Sluzik (2003), Bronfenbrenner (2011), Pinheiro, Crepaldi e Cruz (2012), os quais compactuam com a visão sistêmica de família, fundamentada num modelo de sistema aberto, que é afetada e afeta o seu contexto em um processo em rede e dinâmico.

Nesta perspectiva, considera-se que o conceito de Dias (2011) abrange todos os aspectos da abordagem sistêmica, pois argumenta que:

A família é um sistema, à semelhança de um organismo vivo e por isso deve ser analisada como um todo onde cada membro é o que é por si mesmo e pelas relações que estabelece com os outros. Os membros procuram definir para si e para os outros membros da família significados, o poder, a formação e distribuição de afetos. (DIAS, 2011, p. 148).

Assim, o microsistema familiar é visto como um espaço de relações contínuas e interconectadas, pois quando ocorrem mudanças em um membro ou em um contexto no qual ele está inserido, todo o microsistema reconfigura-se a uma nova situação (BRONFENBRENNER, 1996; BARRETO, 2016).

Desse modo, com as transformações vivenciadas no meio familiar em seus modelos e significados, observa-se também, mudanças quanto à valorização de elementos antes não priorizados como a qualidade das relações parentais e os efeitos destas na vida de cada participante envolvido, atentando-se para a importância atribuída ao vínculo construído nessas relações, principalmente no âmbito materno filial (LINS *et al*, 2015).

1.2 A figura materna no relacionamento socioafetivo dos filhos

A figura materna é abordada pela literatura psicológica como essencial ao desenvolvimento humano, pois esta se configura como um elemento decisivo na estruturação biológica, psicológica, emocional e social do sujeito ao longo de sua vida.

Piaget (1993) defende que o desenvolvimento da criança ocorre tanto por processos cognitivos quanto sociais e afetivos, dependente de aquisições próprias da criança e das interações interindividuais estabelecidas. A partir das interações entre pais e filhos (não havendo ênfase maior na figura materna) vão sendo construídas as condições de maturação biológica, cognitiva, social e afetiva, até se atingir condições de autonomia e de segurança para interagir com as demais pessoas na sociedade.

De acordo com Piaget, os pais exercem uma função predominante na educação de seus filhos e na maioria das vezes, podem atuar como modelo de comportamento para a criança e o adolescente. Ademais, o referido autor, argumenta que as relações de respeito são fundamentais para que ocorra um desenvolvimento saudável e tais relações são construídas a partir do medo e/ou do afeto. Portanto, quando os pais exercem um papel autoritário diante de seus filhos, há a tendência de predominar um controle excessivo do comportamento dos mesmos, a partir do medo e da ausência do diálogo. Por outro lado, quando são construídas relações por meio do afeto e do diálogo, há maior tendência de os filhos desenvolverem respeito e admiração por aqueles que exercem a figura materna e/ou paterna. Para Piaget, as relações fundamentadas no respeito e no diálogo propiciam, portanto, o desenvolvimento de sentimentos de justiça, cooperação e a autonomia (PIAGET, 1969).

Wallon também credibiliza a indissociabilidade existente entre o âmbito biológico, afetivo e social. No entanto, enfoca que a afetividade constitui a mola propulsora para o desenvolvimento, uma vez que, as interações existentes entre a criança e primordialmente as pessoas próximas (mãe, pai ou outro responsável), baseiam-se em uma interconexão de componentes corporais e expressivos, dependentes do campo afetivo (GALVÃO, 1995).

A teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (1996, 2011), enfatiza que a família se configura como o primeiro sistema de participação da criança, ou seja, um microsistema, caracterizado por uma estrutura aberta e capaz de realizar interconexões com outros sistemas de seu contexto. Ademais, a dinamicidade das interações deste microsistema, induz a seus membros transformarem o meio e a serem transformados pelo mesmo.

Neste sentido, de acordo com Urie Bronfenbrenner (2011), o microsistema familiar, de forma contextualizada com as experiências, o ambiente, a cultura e os processos proximais, ou seja, as interações recíprocas estabelecidas entre as pessoas ou símbolos, levam justamente ao desenvolvimento.

Especificamente sobre a relação mãe e filho, Bronfenbrenner (1996) acentua que esta constitui uma díade, a qual envolve formas mais ‘elementares’ de interação e trocas à mais elaboradas, não de modo linear, mas interativo. Ao longo do tempo e das interações essa relação tende a tornar-se mais sentimental e estreita, em que, o envolvimento observacional do filho para com as atitudes maternas e vice versa, a reciprocidade associados ao equilíbrio das relações de poder provocarão grandes impactos e impulsos ao desenvolvimento. Ademais, entende-se que as relações afetivas construídas podem ter tanto disposições positivas quanto conflitivas, no entanto, ao modo que as relações positivas tornem-se cada vez mais presentes e fortalecidas, aumentará a tendência dos processos de desenvolvimento e principalmente da incorporação dos suportes para outras díades e outras composições relacionais.

Usualmente observa-se que as pesquisas que buscam investigar esta relação mães-filhos, tendem a observar o desenvolvimento de forma quase unilateral, apontando os

benefícios ou não deste envolvimento para os filhos, no entanto, é preciso considerar que a mãe também se envolve neste processo e semelhantemente vivencia e transforma-se neste contexto relacional. Ademais, ambos também são influenciados pelos acontecimentos decorrentes das outras relações exteriores a esta (BRONFENBRENNER, 1996).

A psicanálise por sua vez, tem se dedicado à compreensão de aspectos profundos quanto à relação mãe-filho. Teóricos como Winnicott (1980), Lebovici e Weil-Halpern (1995), Abreu (2005) valorizam extremamente a interação materno-filial, pois de acordo com suas concepções, desde os primórdios da vida, a criança necessita apegar-se à figura materna, uma vez que esta possibilitará a estruturação psíquica da criança e as condições necessárias para que ela possa interagir com os outros.

Winnicott (1975, 1980) acrescenta que a partir da relação mãe-filho serão iniciadas as bases para que a criança se reconheça e construa a imagem de si mesma, através de uma nutrição integral de suas necessidades psicofisiológicas proporcionadas pelo aparato materno.

A mãe e a família em si, possuem um “papel de espelho” sobre a vida da criança, pois as interações com a figura materna e esse ambiente (entende-se por ambiente a família e o contexto da criança), contribuirão para a formação da personalidade desta e para uma maturidade rumo à independência na construção do seu próprio Self (Eu), mas influenciada por estas relações de referência (WINNICOTT, 1975).

Outra contribuição teórica que aborda a importância da relação materno-filial refere-se à Teoria do vínculo, defendida por Bowlby que compreende o vínculo afetivo como um laço que uma pessoa ou animal estabelece entre ele e o outro, unindo os pares e mantendo esta união no espaço e no tempo (SAFRANY; LEN, 2005).

Atribui-se neste sentido, indubitável e intenso significado a esta relação, pois, como assegura os autores supracitados, uma vez que este processo vincutivo seja falho ou inexistente é possível demarcar complexas interligações com comportamentos e condutas psicopatológicas.

Portanto, ressalta-se que diante das progressivas transformações da sociedade e das interações interindividuais, o relacionamento entre mães e filhos ainda dispõe um lugar importante e necessário ao desenvolvimento destes, sua essencialidade não corresponde somente às fases iniciais da vida, mas as posturas gerais e educativas ao longo do desenvolvimento da criança. Neste escopo, vê-se fluir inúmeros estudos sobre a qualidade, as significações desta relação e os impactos provocados por seu estabelecimento ou não, ao longo da vida.

Como foi exposto acima, percebe-se que a figura materna continua sendo alvo de estudos e discussões no processo de desenvolvimento dos filhos, mas há que se reconhecerem as mudanças sociais e culturais, ocorridas, principalmente, a partir do final do século XX até os dias atuais. Com estas mudanças, a importância da figura materna nas relações de parentalidade não corresponde exclusivamente aos cuidados necessários ao desenvolvimento físico e orgânico, mas permeia também a nutrição de sentimentos, de valores, de trocas afetivas e de responsabilidades relativas à manutenção da prole, nos casos em que não há a corresponsabilidade de outros parceiros. Ademais, faz-se necessário assinalar que alguns arranjos familiares são estruturados sem a figura materna, como é o caso de crianças educadas por casais homoafetivos, do sexo masculino. Portanto, compreende-se a necessidade do desenvolvimento de novas teorias que possam abordar os novos tipos de relação afetiva e social desenvolvidas no âmbito familiar. Finalmente, é preciso compreender que o momento atual é de transformações e que, portanto, a figura materna se mantém na centralidade das discussões das relações.

1.3 Relações parentais, estilos e práticas educativas

Reconhecendo a importância das relações parentais no processo de desenvolvimento das crianças, Diana Blumberg Baumrind foi pioneira nos estudos sobre esse tema, caracterizando estilos parentais e correlacionando-os aos possíveis comportamentos desenvolvidos pela criança de acordo com cada um desses estilos.

Portanto, a referida pesquisadora classificou os estilos parentais em: autoritário, permissivo e autoritativo. O estilo autoritário caracteriza-se por uma relação envolvendo alta cobrança, pouca responsividade, ausência de diálogo e muitas imposições. O estilo permissivo é identificado por uma relação permeada de muita afetividade, responsividade e ausência de limites. Por outro lado, o estilo autoritativo se caracteriza por uma relação democrática em que, constam-se as exigências para com a criança, mas existe o incentivo, valorização da sua opinião, combinação nas tomadas de decisões e suporte afetivo, compreensivo e respeitoso (BAUMRIND, 1966, 1971).

Com a pretensão de analisar as posturas parentais quanto às estratégias educativas direcionadas aos filhos, Martin. L. Hoffman (1990) estudou a importância que estas relações, com suas estratégias têm para o desenvolvimento socioafetivo das crianças.

Para tanto, as relações parentais tendem a se basear principalmente, no poder dos pais sobre os filhos, de modo que, em busca de modificar e/ou alterar comportamentos indesejados, os pais habitualmente, utilizam-se de duas estratégias educativas: a indutiva e a coercitiva. Na primeira, os pais com o uso do diálogo, buscam moldar o comportamento dos filhos, pela explicação e exposição das consequências acarretadas pelas atitudes destes. Em contrapartida, na segunda estratégia, aplica-se a disciplina por meio do poder, sem explicações e diretamente através da prática de castigos e/ou punições (HOFFMANN, 1990).

A partir destes estudos, e teorias supracitadas emergiram inúmeros estudos, relacionados ao papel parental, sobretudo materno, na educação das crianças e no processo de vínculo parental.

Neste sentido, um estudo realizado por Wottrich e Arpini (2014) com mães de grupos populares identificou que estas consideram o envolvimento com os filhos, uma atitude fundamental e relevante na relação com os mesmos, acentuando também, a utilização de práticas de educação que possam contribuir com a aquisição de comportamentos éticos e corretos socialmente.

Da mesma forma, Lins *et al* (2015) em pesquisa realizada com mães e pais sobre as metas de socialização parental, identificaram que valores como o respeito ao próximo, honestidade, sucesso e a manifestação da afetividade foram elementos ressaltados como fundamentais ao desenvolvimento social dos filhos. Isto pode indicar uma nova forma de pensar e interagir nas trocas socioafetivas familiares.

Jaramillo, Pérez e González (2013) e Souza *et al* (2014) acentuam que as mães valorizam como essenciais às metas de socialização dos seus filhos, a capacidade de manter um vínculo adequado com estes, pois esta relação repercutirá no comportamentos dos mesmos, na segurança emocional frente ao mundo e aos outros.

Reiterando esta noção, alguns pesquisadores consideram que para a ocorrência de comportamentos saudáveis ao desenvolvimento infantil, faz-se necessário que os pais envolvam os filhos em um clima emocional, com estilos educativos parentais e práticas de orientação que favoreçam a aquisição de tais comportamentos (BOAS; BOLSONI-SILVA, 2010; CARVALHO; CRUZ, 2018).

Desse modo, estudos sobre os efeitos da relação materna no desenvolvimento dos filhos como o de Fantinato e Cia (2017) consideram que a mãe possui acentuada influência no

processo educativo das crianças, pois, quanto mais essas são participativas nas atividades escolares dos filhos, menos estes podem apresentar problemas de comportamento e dificuldades acadêmicas.

Com relação aos estilos parentais e as práticas educativas indutivas neste Pires *et al* (2018) em seu estudo bibliográfico ressalta que os estilos autoritativos influenciam diretamente o desenvolvimento de aspectos positivos à vida da criança, como a socialização adequada, a empatia e comportamentos pró-sociais. Por outro lado, o comportamento parental autoritário e com práticas coercitivas tendem a provocar dificuldades emocionais, ansiedade, depressão e comportamentos antissociais.

Neste sentido, Lins e Alvarenga (2015) em pesquisa realizada com mães de crianças de 3 a 5 anos, evidenciaram que o controle materno crítico contribui para a ocorrência de distúrbios internalizantes, com sintomatologias de ansiedade, depressão e retraimento. Com isso vê-se que o tipo de comportamento parental pode ter potencial para limitar o desenvolvimento socioemocional das crianças (ALVARENGA; WEBER; BOLSONI-SILVA, 2016).

Para tanto, buscando identificar como se consolidam as práticas educativas maternas Oliveira, Rabuske e Arpini (2007) salientam que estas também passam pela influência do contexto cultural e pelos exemplos dos padrões familiares, valores e crenças apreendidas com seus próprios pais.

Por outro lado, Moreira e Biasoli-Alves (2008), argumentam em uma pesquisa com 50 mães, sobre a utilização de regras, que elas também constroem suas próprias posturas quanto à forma de educar seus filhos, orientando-os para uma maior aquisição de autonomia, e respeitando seus posicionamentos diante de sua própria educação.

A literatura tem indicado que os estudos sobre a relação mães/filhos (as) são mais prevalentes que os sobre pais/filhos (as), mantendo a ideia construída na sociedade de que as crianças são cuidadas pelas mães prioritariamente (BORSA; NUNES, 2011).

Considerando todos os aspectos citados acima, elaboraram-se algumas questões norteadoras sobre a relação entre mães e filhos que motivaram a realização do presente estudo: O que as mães consideram mais importante na relação com os seus filhos? De que forma as mães costumam orientar os seus filhos? Em que as mães se baseiam para orientarem seus filhos? Que estratégias as mães utilizam para controlar o comportamento dos seus filhos? Para responder a estas questões foi elaborado o seguinte objetivo: analisar o olhar de mães de crianças de diferentes idades e contextos escolares sobre as relações socioafetivas materno-filiais. Busca-se especificamente caracterizar os aspectos que as mães consideram mais relevantes na relação com seus filhos; verificar como as mães orientam seus filhos no processo educativo; identificar as influências que as mães recebem para orientar seus filhos e verificar os recursos utilizados pelas mães quando seus filhos não fazem o que elas pedem. Ressalta-se que os dados deste estudo foram obtidos por meio de um trabalho de pesquisa realizada no PIBIC cota 2017/2018². Neste sentido, foi feito um recorte do banco de dados daquele estudo, enfocando especificamente os objetivos supracitados, considerando os mesmos participantes e o mesmo local de realização da pesquisa.

² Pesquisadora bolsista do PIBIC cota 2017/2018, Bianca Silva Araujo e pesquisadora colaboradora Laura Dantas Silva.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

Foi conduzida uma pesquisa de campo, do tipo descritivo, a qual, de acordo com os pressupostos de Minayo (1994), não é reducionista quanto à instrumentalização de variáveis, mas acrescenta a relação de significados, motivos, crenças e valores para aprofundar o universo das relações, dos fenômenos e a compreensão dos processos sociais dos sujeitos envolvidos no trabalho científico.

2.2 Participantes

A pesquisa contou com a participação de 32 mães que possuíam filhos com idade variando entre 6 a 9 anos, (4 mães para cada faixa etária dos filhos), 16 mães de crianças estudantes de uma escola pública e as demais de uma escola privada de ensino fundamental I, na cidade de Campina Grande- PB.

2.3 Local

No que se refere ao lócus de realização do estudo, a escola foi elencada como o melhor espaço, pois é onde se consegue ter acesso mais facilmente às mães, uma vez que estas são geralmente as responsáveis por levar os filhos à escola ou buscá-los.

2.4 Instrumentos

Utilizou-se como instrumento um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas, referentes ao relacionamento social e afetivo entre mães e filhos, às práticas educativas utilizadas pelas mães, a forma como as mães orientam seus filhos e em quem essas mães se baseiam para dar orientação (APÊNDICE A). Corroborando a perspectiva de Kramer (2008), que considera a entrevista como um dos instrumentos mais adequados para a coleta de dados, pois esta, não é uma atividade dinâmica que busca o conhecimento um pouco mais profundo do que se pretende investigar.

2.5 Procedimento de coleta dos dados

Inicialmente o projeto do PIBIC foi submetido à aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB com o número CAAE: 83985318.6.0000.5187, conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da RESOLUÇÃO 466/2012 (ANEXO A). Foram realizados contatos com as escolas e conseqüentemente, o contato direto com as mães para a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE (ANEXO B).

Após a definição das participantes foram realizadas as entrevistas, individualmente, utilizando-se gravador, com duração média de 10 minutos, em local e horário a ser determinado em comum acordo entre as partes interessadas.

2.6 Procedimento de análise dos dados

Os dados da entrevista foram analisados de forma qualitativa, fundamentando-se no método de análise de conteúdo categorial temática, que caracteriza um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição

do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2009, p. 33-34). Estes procedimentos correspondem às seguintes etapas: pré-análise, exploração de material, tratamento de resultados, inferências e interpretação das pesquisadoras.

A partir do banco de dados obtido por meio do PIBIC, para este estudo, considerando o objetivo de se trabalhar com diferentes contextos sociais, foi utilizado o software SPSS Statistic, VERSÃO 20.0, para calcular as médias dos dados sociodemográficos e realizar o teste de Tabulação Cruzada e o teste do Qui Quadrado - X^2 .

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o questionário sociodemográfico a idade das mães de crianças de escola pública variou entre 24 e 42 anos. Em relação ao número de filhos, 25% tinha apenas 1 filho, 37,5% tinham 2 filhos, 18,75% 3 filhos, 6,25% 4 filhos e 12,50% 5 filhos. Das 16 participantes, 12 relataram que tinham um companheiro, enquanto 4 responderam não ter a presença deste. Sobre o grau de instrução, 43,75% possuem o ensino médio completo, 6,25% o ensino médio incompleto, 18,75% concluiu o ensino fundamental do mesmo modo que 18,75% não concluíram o ensino fundamental e 12,50% possui o nível superior incompleto. Dentre as 16 participantes da escola pública, 14 não exerciam trabalho fora do lar, sendo que a renda familiar mensal correspondia prioritariamente ao valor de até um salário mínimo.

Quanto às mães de escola privada, a idade variou entre 28 e 46 anos. Das 16 participantes, 50% tinham 1 filho, 43,75% 2 filhos e 6,25%, 3 filhos. Sobre o estado civil, 87,5% das mães relataram que moram com um companheiro. Quanto ao nível de escolaridade, 56,25% possuíam nível superior completo, seguido de 18,75% com nível superior incompleto e 12,50% concluíram o ensino médio. Dentre as participantes, 50% trabalhavam fora do lar, e 81,25% delas relataram que a renda familiar mensal encontrava-se acima de dois salários mínimos.

É possível observar que existiram algumas diferenças em relação aos dados sociodemográficos das mães de crianças da escola pública e da escola privada, confirmando a caracterização de diferentes contextos sociais entre as duas amostras utilizadas na pesquisa.

Através da análise semântica dos conteúdos das entrevistas, foi possível categorizar as frequências de respostas das mães, compreendendo características da sua relação parental, especificamente sobre as relações socioafetivas. Ao se analisar os dados, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das mães, considerando as idades e a condição social. De acordo o teste de Tabulação Cruzada e o Qui-quadrado (X^2), que foram utilizados para as duas amostras, buscando identificar as diferenças significativas entre frequências de respostas referentes às diferentes categorias comuns em uma mesma questão (TABELAS 1, 2, 3,4 e 5).

Estes resultados corroboram o estudo de Carmo, Alvarenga e Lins (2016) em que, não foram encontradas diferenças significativas entre as crenças de mães de nível socioeconômico baixo e de mães de nível socioeconômico médio, quanto à utilização de práticas coercitivas. Apontando que o nível socioeconômico parece não ser significativo frente ao pensamento e atitudes maternas com seus filhos.

Quando perguntado às mães o que elas consideraram mais importante na relação com os filhos, estas elencaram o Relacionamento e a Formação Moral, como pode ser verificado na descrição abaixo:

Relacionamento- Agrupou as respostas relativas ao companheirismo, à confiança, à amizade, ao sentimento de amor e de carinho, ao cuidado oferecido ao seu filho e ao diálogo. Exemplo: “*Tudo. Carinho, amor, respeito. Tudo é importante, né? Pra uma relação hoje em dia*”. (S.10.8).

Formação moral- Caracteriza-se pelo agrupamento de respostas relativas à orientação, ao respeito, à formação do caráter, à importância de ser um modelo para o filho, à transmissão do conhecimento. Exemplo: “*Não, eu priorizo muito isso, né? O respeito e a confiança, eu acho que a partir daí já tem um diálogo mais sincero, pra saber o certo, né?*”. (S.29.9).

Na Tabela 1, apresentam-se as frequências de respostas às diferentes categorias comuns às participantes, apontando que, o Relacionamento apresentou a maior frequência de respostas e a Formação moral a frequência mais baixa.

TABELA 1 – Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “O que você acha mais importante na relação com seu filho (a)?”.

CATEGORIAS	Tipos de escolas, Frequência de respostas (f) e Porcentagem (%)				TOTAL	%
	Pública	%	Privada	%		
Relacionamento	35	68,63%	43	76,79%	78	72,90%
Formação moral	16	31,37%	13	23,21%	29	27,10%
Total	51	100%	56	100%	107	100%

$X^2 = (1; N=107); 0,899; p = 0,343 > 0,05$.

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Nota-se que através do teste de Tabulação Cruzada e Qui-quadrado X^2 , não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre as frequências de respostas das mães de crianças de escolas pública e privada em relação às categorias da (Tab.1). Neste sentido, ambos os grupos de participantes (72,90%), elegeram o Relacionamento como mais relevante na relação materno-filial seguido da Formação moral (27,10%).

Tais resultados corroboram o pensamento de Diniz e Koller (2010) inspirados em Bronfenbrenner, de que, o desenvolvimento não ocorre apenas no reflexo dos cuidados físicos, mas, também, afetivos e relacionais, pois, o afeto, na visão bioecológica, caracteriza-se pela capacidade humana de criar, manter e estabelecer vínculos.

Na mesma direção, os estudos desenvolvidos por Silva, Esteves e Castro (2016) reiteram a importância da relação afetiva entre mãe e filhos, considerando o vínculo indispensável, constituindo-se de gestos, olhares, presença e atenção. Estas interações, inicialmente mais viscerais, compõem a base para o modo como a pessoa se constituirá e atuará no meio social em que vive.

Corroborando os resultados encontrados, Oliveira, Maia e Alchieri (2016) em um estudo realizado com 6 mães, buscando compreender o relacionamento destas com seus bebês, apontaram que as mesmas atribuem extremo significado aos laços vinculativos entre mãe e filho, acrescentando ainda que, este envolvimento se constitui a partir da manipulação dos cuidados básicos, do carinho, do amor e diálogo com seus bebês.

No estudo de Loureiro, Targino e Oliveira (2015) que teve como objetivo analisar as representações sociais de 25 mães sobre a formação moral de seus filhos, os resultados obtidos constataram que para as participantes, esta formação está associada às noções de limites, respeito e regras sociais. Ademais, as mães expressaram a necessidade de adoção do estilo parental autoritário e permissivo, acompanhado de práticas educativas coercitivas, como meio de garantir esta formação de valores morais aos filhos.

Com relação à questão 2, sobre quem frequentemente dá orientação aos seus filhos, as respostas foram agrupadas nas categorias descritas a seguir:

A mãe e o pai- Agruparam-se nesta categoria respostas referentes à participação do pai e da mãe. Exemplo: “*Tanto eu quanto meu esposo.*” (S.17.6).

A mãe- Foi evidenciado o grupo de respostas referentes à participação exclusiva da mãe no processo de orientação aos filhos. Exemplo: “*sou eu mesmo, sou eu como mãe.*” (S.5.7).

Outros familiares- Esta categoria agrupou falas referentes à participação de outros parentes no processo de orientação aos filhos, como por exemplo: “*Como eu tô trabalhando, de manhã ele fica com a avó. Geralmente esta atribuição tá dividida entre nós duas.*” (S.27.8).

Na Tabela 2, destaca-se que a categoria A Mãe e o pai apresentou frequência de resposta mais elevada, A Mãe apresentou frequência mediana, enquanto que Outros familiares foi a que apresentou a menor frequência de respostas apresentadas pelas mães.

TABELA 2 – Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Na sua casa quem frequentemente dá orientação aos seus filhos?”

CATEGORIAS	Tipos de escolas, Frequência de respostas (f) e Porcentagem (%)				TOTAL	%
	Pública	%	Privada	%		
A mãe e o pai	10	45,45%	15	57,69%	25	52,08%
A mãe	08	36,36%	07	26,92%	15	31,25 %
Outros familiares	04	18,18%	04	15,38%	08	16,67%
Total	22	100%	26	100%	48	100%

$X^2 = (2; N=48); 0,738; p= 0,691 > 0,05.$

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Constata-se que não existiram diferenças estatisticamente significativas entre as frequências de respostas das mães de crianças da escola pública e da escola privada, referentes às categorias, de acordo com o teste de Tabulação Cruzada e Qui-quadrado X^2 na (Tab.2). Portanto, a Mãe e o pai apareceram como principais envolvidos nas orientações dos filhos com (52,08%), seguido de A mãe com (31,25%) e Outros familiares (16,67%) das frequências de respostas.

De acordo com a análise realizada por Freitas *et al* (2009), mesmo que esteja surgindo uma nova concepção social sobre a representação da paternidade que, conseqüentemente, pode influenciar na qualidade e mudança nas relações parentais. Ainda assim, observa-se a representação da mãe com o afeto, cuidado e essencial ao desenvolvimento dos filhos.

Corroborando, portanto, com algumas teorias e estudos supracitados, sobre a figura materna como central no processo de educação e manutenções de sua prole.

Quando se questionou às participantes sobre como é feita a orientação aos filhos, foram elencadas as seguintes categorias descritas abaixo:

Usa o diálogo- Caracteriza-se pelo agrupamento de respostas relativas ao uso de conversas, às orientações, à utilização de vídeos, à educação, à utilização de brincadeiras e à estimulação do respeito. Exemplo: “*Assim, quando a gente vê que tem alguma coisa fora do lugar, a gente senta conversa (...), pra ela entender sem ser agressiva*”. (S.18.6).

Controla o comportamento- Agrupou respostas que remetem aos comportamentos de chamar atenção, colocar de castigo, estabelecer regras, corrigir o comportamento, não se envolver com as coisas que estão acontecendo no mundo, não aceitar coisas de estranhos, não fazer isso, não fazer aquilo. Exemplo: “*(...) se ela fizer alguma coisa, a gente corrige que não pode, às vezes bota de castigo, fica sem intervalo*”. (S.21.7).

Respostas tautológicas- Agruparam-se respostas que reiteram a orientação ao filho, mas não esclarecem como é feito esse processo. Exemplo: “*Assim, a gente procura orientar ele de acordo com as necessidades que vão surgindo e assim a gente vai orientando (...)*”. (S.17.6).

Na Tabela 3, apresentam-se as frequências de respostas às diferentes categorias recém-descritas. Sendo que a categoria usa o Diálogo apresentou a frequência de respostas mais elevada, a categoria Controla o comportamento, apresentou frequência mediana e a categoria Respostas tautológicas, apresentou frequência de respostas mais baixa.

TABELA 3 – Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Como é dada a orientação ao seu filho?”.

CATEGORIAS	Tipos de escolas, Frequência de respostas (f) e Porcentagem (%)				TOTAL	%
	Pública	%	Privada	%		
Usa o diálogo	23	67,65%	34	60,71%	57	63,33%
Controla o comportamento	06	17,64%	15	26,79%	21	23,33%
Respostas tautológicas	05	14,71%	07	12,50%	12	13,33%
Total	34	100%	56	100%	90	100%

$X^2 = (2; N=90); 0,995; p= 0,608 > 0,05$.

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Não existiram diferenças estatisticamente significativas entre as frequências de respostas das mães de crianças da escola pública e da escola privada, referentes às categorias da (Tab.3), de acordo com o teste de Tabulação Cruzada e Qui-quadrado X^2 .

Portanto, o Diálogo apareceu nas frequências de respostas como primordial forma de orientação aos filhos (63,33%), enquanto que, o Controle do comportamento e as Respostas tautológicas indicaram as menores frequências de 23,33% e 13,33%, respectivamente.

Piaget (1977) argumenta que as condições para um bom desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, conta com a manutenção de relações democráticas e que promovam autonomia. Do mesmo modo, Wallon acentua que a dinâmica do desenvolvimento depende das condições ofertadas pelo meio e da apropriação que o próprio sujeito tende a fazer do que recebe dos outros e das relações (GALVÃO, 1995).

Este comportamento pautado na valorização do diálogo, para orientar e educar os filhos pode sugerir uma tendência em adotar um estilo parental autoritativo; isto é, um modo voltado tanto para a orientação da criança em relação às condutas e normas sociais que ela precisa adotar, quanto para o respeito, o afeto e condições que permita a criança ser autônoma e participativa na sua própria educação (BAUMRIND, 1966).

Sobre os efeitos da vinculação parental na educação dos filhos, Cardoso e Veríssimo (2013) em estudos empíricos, encontraram que a vinculação de base segura desenvolvida por Bowlby, também relaciona-se com o estilo parental autoritativo, o qual proporciona maior suporte emocional, sensibilidade e cooperação.

Pontua-se que embora a maioria das respostas das mães foi relativa ao diálogo ressaltado, 23,33% destas respostas foram relativas ao controle do comportamento. Sobre este tipo de recurso Matsuoka (2017) revela que determinadas práticas e crenças parentais podem favorecer ou não um melhor resultado nas atividades escolares das crianças, evidenciando que comportamentos parentais voltados para práticas coercitivas, tendem a gerar dificuldades nas crianças em relação à aprendizagem e as funções da escrita, por exemplo.

Infere-se, portanto, que a partir dos resultados encontrados, as mães utilizam predominantemente, o estilo autoritativo, que se constitui num misto de estratégias de diálogo e de controle do comportamento, tal como descreve a teoria de (BAUMRIND, 1966, 1971).

A questão 4 relaciona-se à identificação de em que ou em quem as mães se baseiam para orientar seus filhos, sendo as respostas agrupadas nas seguintes categorias:

Familiares- Referem-se ao agrupamento de respostas que indicam a influência recebida pela mãe, pelas irmãs, pelos pais, como se observa no seguinte exemplo: “*Eu me espelho muito nos meus pais que são pessoas muito íntegras, em mim mesma na criação que eu tive*”. (S.13.9).

Experiência da vida- Nesta categoria foram agrupadas respostas que indicavam a própria vivência da mãe, no cotidiano, na realidade social, na atualidade. Por exemplo: “*Eu me baseio*

muito nas atualidades, né? Porque não tem como a gente educar os filhos como a gente foi educado, né? (...). (S.29.9).

Religião- Agruparam-se respostas relativas a se basear em Deus, na palavra d’Ele, em Jesus e na bíblia, como ilustra a fala a seguir: *“Em Jesus. Olho sempre a Palavra porque a gente se baseia, mas todos nós somos falhos, (...)*”. (S.14.9).

Ajuda de profissionais/mídia- Remete ao agrupamento de respostas que se referem à ajuda que as mães buscam de profissionais como psicólogos e de informações recebidas por meio da internet ou da televisão, como exemplificado na fala a seguir: *“Ah, eu me baseio muito através de Rossandro que é o psicólogo aqui e meu amigo e assim, (...), nas redes sociais ele, como posta muito no YouTube, muitas informações sobre a educação dos filhos (...)*.”(S.23.7).

Na Tabela 4, apresentam-se as frequências de respostas às diferentes categorias comuns entre as participantes. Observa-se que a categoria Familiares apresentou a maior frequência de respostas, as categorias Experiência da vida e Religião demonstraram frequências medianas, já a Ajuda de profissionais/ mídia correspondeu ao número mais baixo de frequências.

TABELA 4 – Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Em quem ou em que você se baseia para orientar o seu filho (a)?”.

CATEGORIAS	Tipos de escolas, Frequência de respostas (f) e Porcentagem (%)				TOTAL	%
	Pública	%	Privada	%		
Familiares	15	55,56%	10	30,31%	25	41,67%
Experiência da vida	05	18,52%	14	42,42%	19	31,67%
Religião	05	18,52%	05	15,15%	10	16,66%
Ajuda de profissionais/ mídia	02	07,40%	04	12,12%	06	10,00%
Total	27	100%	33	100%	60	100%

$X^2 = (3; N=60); 5,384; p= 0,146 > 0,05$.

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Não houve diferenças estatisticamente significativas entre as frequências de respostas das mães de crianças de escolas pública e privada referentes às categorias relacionadas à pergunta em quem ou em que você se baseia para orientar o seu filho (a)?”(Tab. 4).

Identificou-se, que a categoria Familiares (41,67%) e Experiência da vida (31,67%) obtiveram as maiores frequências de respostas, ao passo que as categorias Religião (16,66%) e Ajuda de profissionais/mídia (10,00%) representaram as menores frequências de respostas.

Weber *et al* (2006), indicaram em seu estudo que as práticas educativas e os estilos parentais também são reflexo de transmissão de valores e condutas, herdadas ao longo da vida e das gerações, reafirmando, assim, a existência de influências intergeracionais no processo de educação e desenvolvimento das futuras gerações.

Tal afirmativa também foi ressaltada em estudos como o de Cabral e Levandowsky (2012) sobre as representações de mães adolescentes acerca de suas mães e os aspectos intergeracionais. Os resultados deste estudo indicaram que as mães pareciam nortear sua experiência materna com as que vivenciaram com suas próprias genitoras, independentemente desta relação ter possuído bases positivas ou negativas.

Corroborando esta questão, Marin *et al* (2013) depreenderam que apesar das tendências parentais em adotar condutas de educação recebidas pelas gerações anteriores, outras variáveis como a personalidade dos pais e dos seus filhos, contribuem para reavaliar a forma como conduzem as práticas de educação. Sugere-se que a interação parento-filial não é linear e nem se refere a um processo de ‘imitação’ de condutas vividas.

Neste sentido, também se percebe que alternativas não tradicionais tomam algum espaço nas condutas materno-filiais, como a utilização de recursos midiáticos, mesmo que em menor frequência de respostas, como apontado nos resultados do presente estudo.

Sobre a utilização destes recursos, Tomaz (2016) aponta que a maternidade contemporânea passa por um crivo diferenciado, em que se constitui não apenas nos modelos tradicionais, mas também na aquisição de formas especializadas para a educação dos filhos. Configurando, portanto, novos parâmetros de comportamento e educação utilizados em uma sociedade moderna.

A não linearidade no relacionamento e condutas de educação na interação mães e filhos ilustra a dinamicidade existente neste microssistema familiar, de modo que, capta os acontecimentos e estímulos externos e personaliza seu próprio comportamento e interação com o seu meio. (BRONFENBRENNER, 1996, 2011; MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

As respostas das mães quanto à pergunta sobre o que elas fazem quando os filhos não agem como elas esperam, foram agrupadas nas seguintes categorias:

Coloca de castigo- Nesta categoria foram agrupadas as respostas relativas à privação de alguma coisa. Exemplo: *“Eu coloco ele de castigo, deixo ele num cantinho de castigo, não deixo ele brincar com o que ele quer, tomo as coisas dele (S.4.6).*

Dialoga- Foram agrupadas respostas referentes a conversar, tentar explicar, saber o porquê, mostrar o que prejudica e sempre mostrar as próprias experiências. Exemplo: *“Eu converso com ele. Converso com ele, procuro saber o que, porque foi, se foi, é, algum mal comportamento, procuro saber, é (...).” (S.22.7).*

Repreende- Foram agrupadas respostas que se referem às práticas de reclamar, brigar, dá coração, ficar brava, cobrar, repreender, como ilustram as seguintes falas: *“Eu repreendo, sempre tem uma repreensão minha. (...) eu chamo atenção e repreendo mesmo”.* (S.14.9).

Respostas indefinidas- Caracteriza-se pelo agrupamento de respostas que não indicam claramente a ação da mãe quando o filho não age como ela espera, mas se referem ao comportamento do filho e à afirmação de que costuma fazer algo, mas sem dizer o quê. Por exemplo: *“Eu tento trazer ele, né? Aos poucos, porque não é fácil, mas, é, assim, em termos de apresentação de escola, eu fico só chateada (...).” (S.15.9).*

Usa a punição física- Nesta categoria foram agrupadas as respostas referentes ao uso de estratégias como dar “palmadinhas” no bumbum, dar “tapinha”, dar “cipuadinha” e dar chinelada, como mostra o exemplo: *“Também dou umas palmadinhas no bumbum. É muito importante também, eu acredito”.* (S.24.7).

A partir das categorias acima foi elaborada a Tabela 5, identificando que a categoria Coloca de castigo apresentou o maior número de frequência de respostas, enquanto que, Repreende apresentou frequências de respostas medianas e a categoria Usa a punição física as mais baixas frequências de respostas.

TABELA 5 – Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “O que você faz quando seu filho (a) não age como você espera?”.

CATEGORIAS	Tipos de escolas, Frequência de respostas (f) e Porcentagem (%)				TOTAL	%
	Pública	%	Privada	%		
Coloca de Castigo	25	40,32%	19	38,78%	44	39,64%
Dialoga	15	24,19%	13	26,53%	28	25,23%
Repreende	12	19,35%	04	08,16%	16	14,41%
Respostas indefinidas	05	08,07%	08	16,33%	13	11,71%
Usa a punição física	05	08,07%	05	10,20%	10	09,01%
Total	62	100%	49	100%	111	100%

$X^2 = (4; N=111); 4,188; p= 0,381 > 0,05.$

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Não houve diferenças estatisticamente significativas entre as frequências de respostas das mães de crianças de escolas pública e privada referentes às categorias acima referentes de acordo com a pergunta “O que você faz quando seu filho (a) não age como você espera?” (Tab. 5).

Por conseguinte, a categoria Coloca de castigo (39,64%) destaca-se nas frequências de respostas como a principal forma de agir frente ao comportamento indesejado dos filhos, no entanto, a categoria Dialoga (25,23%) também apresentou um elevado número de frequências de respostas. A categoria Punição física foi destacada como a menor frequência de respostas (09,01%).

Estes resultados sugerem que diante do comportamento indesejado dos filhos, as mães tendem a utilizar de práticas educativas coercitivas, mas também utilizam o diálogo como forma de modelagem do comportamento dos mesmos, supondo a adoção das práticas educativas indutivas, de acordo com a classificação de (HOFMANN, 1990).

Na questão anterior as mães afirmam assumir um estilo autoritativo para orientar os filhos, mas, por outro lado, utilizam predominantemente práticas coercitivas como o castigo e a punição física, como estratégias para controlar o comportamento dos filhos. Destaca-se, portanto, uma dicotomia entre os estilos parentais autoritativos e autoritários e as práticas educativas coercitivas e indutivas.

Atenta-se para o fato de que Patias, Siqueira e Dias (2013), realizaram uma revisão bibliográfica de estudos brasileiros que abordaram os tipos de estilos parentais e práticas educativas predominantemente utilizadas pelos pais, e suas respectivas consequências e encontraram o consenso de que as práticas educativas coercitivas estão associadas ao desenvolvimento de comportamentos agressivos e baixa autoestima de crianças e adolescentes, apresentando-se como um risco ao desenvolvimento saudável.

Oliveira, Rabuske e Arpini (2007), em pesquisa desenvolvida com mães de crianças de até 12 anos de idade, acentuam que estas participantes utilizam de práticas coercitivas como a punição física e psicológica, pois, consideram que essas práticas são as formas mais eficazes para conseguir a obediência dos filhos. Portanto, além de considerarem essas práticas como naturais no processo educativo, desconhecem seus efeitos e implicações ao desenvolvimento infantil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio compreende-se que o presente estudo alcançou todos os objetivos almejados, os quais corresponderam à compreensão dos aspectos socioafetivos e educativos

envolvidos na relação materno-filial, sob o olhar das mães de crianças de dois contextos escolares diferentes.

Destaca-se através da análise de conteúdo categorial temática, e do teste de Tabulação Cruzada e Qui Quadrado X^2 que não foi possível identificar diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das mães sobre as relações socioafetivas com seus filhos, considerando os contextos sociais das mesmas. O que parece não corroborar estudos como o de Carmo e Alvarenga (2012) que salientam existir diferenças entre as práticas educativas utilizadas pelos pais, de acordo com o contexto sociocultural.

Desse modo, observou-se que de acordo com as mães participantes, o relacionamento com (72,90%) das frequências de respostas, foi elencado como o elemento mais importante das relações socioafetivas entre mães e filhos, seguido pela formação moral (27,10%), indicando a predominância do estilo autoritativo.

As participantes, no entanto, ressaltam que quando os filhos não agem de acordo com o que elas esperam, predomina a utilização de práticas coercitivas, indicando, portanto, uma tendência a adotar o estilo autoritário e fornecendo subsídios para se supor que não existe um único tipo de estilo parental utilizado por estas mães. Parece haver uma mudança de estilo dependendo dos objetivos e da situação em que se encontra as relações entre mãe e filhos.

Para tanto, destacam que recorrem aos ensinamentos familiares (41,67%), para constituir as bases de suas próprias formas de orientar os filhos, reiterando a influência das relações intergeracionais na forma das mães educarem e orientarem seus filhos.

Ademais, pontua-se que o presente estudo permitiu uma maior exploração e compreensão dos elementos envolvidos na relação entre mães e filhos, em seus aspectos socioafetivos e educativos, além disso, ressaltou a crucial importância que tem a figura materna na estruturação biopsicossocial do ser humano em desenvolvimento.

Espera-se que este trabalho, possa provocar a comunidade científica a investigar o tema em questão com maior profundidade e abrangência, com um maior número de participantes e variáveis contextuais. Do mesmo modo que desperte a curiosidade quanto aos elementos considerados não agradáveis na relação entre mães e filhos, bem como à conscientização das mães quanto à adoção de estilos autoritativos e práticas parentais indutivas, como essenciais ao desenvolvimento de crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

ABREU, C. N. DE. **Teoria do Apego Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas**. - São Paulo: Casa do Psicólogo, 1ed, p. 238, 2005.

ALVARENGA, P.; WEBER, L. N. D.; BOLSONI-SILVA, A. T. Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. **Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn**, v.18, n. no 1, p. 4-21, 2016.

BAUMRIND, D.. Effects of Autoritative Parental Control on Child Behavior. **Child Development**, v. 4, n. 37, p. 887-907, dez. 1966.

_____. Current patterns of parental authority. **Developmental Psychology Monographs**, v. 4, n. 1, 1971.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. ed. Artes Médicas. Porto Alegre, 1996.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOAS, A. C. V. B. V.; BOLSONI-SILVA, A. T. Habilidades sociais educativas de mães separadas e sua relação com o comportamento de pré-escolares. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 301-310, set./dez. 2010.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano Tornando os Seres Humanos mais Humanos**. 1.ed, editora ARTMED – Brasil: São Paulo, 2011.

BORSA, J. C; NUNES, M. L. T. Aspectos Psicossociais da Parentalidade: O papel de Homens e Mulheres na Família Nuclear. **Psicol. Argum**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39 jan./mar. 2011.

BARRETO, A. DE. C. Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 275-293, ago. 2016.

CARMO, P. H. B. do; ALVARENGA, P. Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos. **Estudos de Psicologia**, maio agosto/ 2012; v.17, n. 2, 2012.

CABRAL, S.; LEVANDOWSKI, D. Representações de mães adolescentes: aspectos intergeracionais na relação mãe-criança. **Fractal Rev. Psicol.**, v. 24, n. 3, p. 543-562, Set./Dez. 2012.

CARDOSO, J.; VERÍSSIMO, M. Estilos Parentais e Relações de Vinculação. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 31, p.393-406, 2013.

CARMO, P. H. B. do.; ALVARENGA, P.; LINS, T. C. de. S. Crenças de mães de diferentes níveis socioeconômicos sobre punição física e privação de privilégios. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 911-929, 2016.

CARVALHO, C.; CRUZ, O. Comportamentos disciplinares em mães de crianças de idade pré-escolar: efeito das crenças de eficácia maternas, do sexo e idade das crianças e da escolaridade materna. **Estud. Psicol**, Campinas, v. 35, n.4, p.433-443, 2018.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contexto de desenvolvimento humano. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 17, n. 36, p. 21–32. 2007.

DINIZ, E.; KOLLER, S. H. O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. **Educar Editora UFPR**, Curitiba, n. 36, p. 65-76, 2010.

DIAS, M. O. Um Olhar Sobre a Família na Perspectiva Sistêmica o Processo de Comunicação no Sistema Familiar. **Gestão e Desenvolvimento**, v.19, p.139-156, 2011.

ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEPB, 22; 2015, Campina Grande-PB. **Anais do XXII Encontro de Iniciação científica Ciência e tecnologia para o**

desenvolvimento 11 a 13 de novembro de 2015. 415 p. Tema: Representações Sociais de Mães sobre a Formação de Valores Morais. LOUREIRO, A. C. R., TARGINO, M, L. & OLIVEIRA, A. A. 2015.

FREITAS, W. de M. F. et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev Saúde Pública**, v. 43, n.1, p. 85-90, 2009.

FANTINATO, A. C.; CIA, F. Envolvimento Parental, Competência Social e o Desempenho Acadêmico de Escolares. **Psicol. Argum.** v. 29, n. 67, p.499-511, out./dez. 2011.

FINELLI, L. A. C.; SILVA, J. L. da.; AMARAL, R. de. A. Trajetória da Família Brasileira: O Papel da Mulher no Desenvolvimento dos Modelos Atuais. **Humanidades**, v. 4, n. 2, jul. 2015.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis, RJ; Vozes, 1995.

GALANO, M.H. Família e história: a história da família. *In*: CERVENY, C. M.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs.). **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.

GUTIERREZ, D. M.D; CASTRO, E. H,B. de; PONTES, K.D da S. Vínculo mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. **REVISTA DO NUFEN** - ano 03, v.1, n.2, p.3-24, agos/dez. 2011.

HOFFMAN, M. L. The Contribution of empathy to justice and moral judgement. *In*: KURTINES, J. L.; GEWIRTZ, W.M. **Handbook of Moral Behavior and Development.** 1 ed. Psychology Press, 1990.

IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2017. Disponível em:< <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/revista-retratos.html>>.

JARAMILLO, J. M.; PÉREZ, L.; GONZÁLEZ, K. A. Metas de socialización maternas: relación com edad, formación académica y zona habitacional. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv**, v.11, n.2, p.719-739, 2013.

KRAMER, S. Crianças e adultos em diferentes contextos – desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação. *In*: **Estudos da Infância: educação e práticas sociais.** Petrópolis: Vozes, 2008.

LEBOVICI, S.; WEIL-HALPERN, F. **La Psicopatología del Bebé.** Siglo XXI México, 1995.

LINS, Z. M. B. et al. Metas Parentais de Socialização em Relação ao Desenvolvimento de seus filhos. **Interação Psicol.**, Curitiba, v. 19, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2015.

LINS, T.; ALVARENGA, P. Controle Psicológico Materno e Problemas Internalizantes em Pré-Escolares. **Psic.: Teor. e Pesq**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 311-319, Jul./Set. 2015.

MINAYO, C. de S. **Pesquisa social: teoria, método, criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A Abordagem Ecológica de Urie Bronfenbrenner em Estudos com Famílias. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, v. 4 n. 1, p. 63-77, 2004.

MOREIRA, L. V. de. C.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Práticas educativas: a participação da mãe e da criança na determinação das atividades da rotina diária. **Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum**. v. 18, n.1, p. 53-65, 2008.

MARIN, A. H. et al. Transmissão Intergeracional de Práticas Educativas Parentais: Evidências Empíricas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29 n. 2, p. 123-132, Abr./Jun. 2013.

MATSUOKA, Elaine Cristiane Aguenta. **Desempenho em Escrita de Crianças: Relação com Práticas e Crenças Parentais**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

OLIVEIRA, D. S. de.; RABUSKE, M. M.; ARPINI, D. M. Práticas de educação: relato de mães usuárias de um serviço público de saúde. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 12, n. 2, p. 351-361, maio./ago. 2007.

OLIVEIRA, A. de.; MAIA, E. M. C.; ALCHIERI, J. C. O que Dizem as Mães Sobre a Relação Mãe e Bebê? **Rev enferm UFPE on line**, Recife, v.10, n.9, p.3212-22, set. 2016.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

_____. **O Julgamento Moral na Criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

_____. **Seis Estudos de Psicologia**. 19. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 12, n. 2, p. 247-256, mai/agos. 2007.

PINHEIRO, I. R.; CREPALDI, M. A.; CRUZ, R. M. Entendeu ou quer que eu desenhe? Transições familiares através da visão sistêmica. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, n. 1, p.175-192, Jan./Abr. 2012.

PATIAS, N D. ; SIQUEIRA, A. C.; DIAS, A. C. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v.38, n.4, 2013.

PIATO, R. S.; ALVES, R. D. N.; MARTINS, S. R. C. D. Conceito de família contemporânea: uma revisão bibliográfica dos anos 2006-2010. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 41-56, dez. 2013.

PIRES, M. F. D. N. et al. A Influência das Práticas Parentais no Desenvolvimento da Criança: Uma Revisão de Literatura. **Revista Amazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq/EDUA**. v. 22, n. 2, p. 282-309, jul./dez. 2018.

QUINTERO, E. R.; RODRÍGUEZ-GÓMEZ, R. La importancia del vínculo en la infancia: entre el psicoanálisis y la neurobiología. **Rev. Cienc. Salud**. v.14, n.2, p. 261-280, 2015.

SLUZKI, C. E. A Rede Social: Proposições Gerais. *In: A Rede Social na Prática Sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2 ed, 2003.

SAFRANY, K. R.; LEN, A. Q. Vínculo y desarrollo psicológico: la importancia de las relaciones tempranas. **Revista Digital Universitaria**, v. 6, n. 11, nov. 2005.

SILVA, P. A. e.; ESTEVES, M. L.; CASTRO, F. V. Vinculação mãe bebê. **INFAD Revista de Psicologia**, v.2, n.1, p.729-736. 2013.

SOUZA, C. G. de *et al.* Crenças Maternas sobre o Desenvolvimento Sociocomunicativo de Bebês. **Temas em Psicologia**, v. 22, n.2, p. 483-495, 2014.

TOMAZ, R.O. Vendem-se conselhos: poder pastoral, mídia e maternidade. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 196, agos, 2016.

VITORELLO, M. A. Família contemporânea e as funções parentais: há nela um ato amor? **Psic. da Ed.**, São Paulo, v.32, p. 7-24, 2011.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar & a Realidade**. - Rio de Janeiro: Imago. 1975.

_____. **A Família e o Desenvolvimento do Indivíduo**. Trad/ Jane Corrêa. – Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

WEBER, L. N. D; SELIG, G. A; BERNARDI, M. G. et al. Continuidade dos estilos parentais através das gerações –Transmissão intergeracional de estilos parentais. **Paidéia**, 407-414, 16(35), 2006.

WOTTRICH, S. H.; ARPINI, D. M. Cuidados Necessários à Infância: Um Estudo com Mães Coletadoras de Material Reciclável. **Temas em Psicologia**, vol. 22, n. 2, p. 471-482, 2014.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E ENTREVISTA
UTILIZADA NA PESQUISA COM AS MÃES**

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Idade: _____

Número de Filhos: _____

Escolaridade: Ensino Fundamental completo () Incompleto ()
 Ensino Médio Completo () Incompleto ()
 Ensino Superior Completo () Incompleto ()
 Exerce algum trabalho: Sim () Não ()
 Faixa salarial: Abaixo de um salário mínimo () Até um salário mínimo ()
 Até dois salários mínimos () Acima de dois salários mínimos ()
 Mora com o companheiro (a): Sim () Não ()

ENTREVISTA

- 1- O que você acha mais importante na relação com seu filho?
- 2- Na sua casa quem frequentemente dá orientação aos seus filhos?
- 3- Como é feita essa orientação?
- 4- Em que ou em quem você se baseia para orientar seu filho (a)? Por quê?
- 5- O que você faz quando seu filho (a) não age como você espera?
- 6- Você acha que a forma de você agir com seu filho (a) provoca as mudanças que você espera? Se sim por quê? se não, o que você acha que poderia fazer para melhorar?
- 7- Você costuma conversar com seu filho (a)? Se sim sobre o que? se não, por quê?
- 8- Você costuma escutar seu filho quando ele inicia uma conversa?
- 9- Na sua casa tem regras?
 Sim ()
 Não ()
- 10- Como elas são organizadas?

ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (PESQUISA COM AS MÃES)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANÁLISE DAS RELAÇÕES PARENTAIS SOB O OLHAR DE MÃES DE CRIANÇAS DE DIFERENTES IDADES E CONTEXTOS ESCOLARES

Pesquisador: ANA CRISTINA RABELO LOREIRO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 83985318.6.0000.5187

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.584.824

Apresentação do Projeto:

Considerando que as mudanças sociais, culturais e históricas ampliaram os modos de organização das instituições familiares, modificando as relações parentais, a pesquisa aborda como as mães percebem as influências dessas novas formas de organização sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes, tomando como campo empírico contextos de escolas públicas e privadas. Consiste em abordagem qualitativa, conforme os procedimentos da pesquisa descritiva, cuja amostra de participantes será composta por 40 mães de crianças com idade entre 6 e 9 anos, devendo ser 20 matriculadas em escolas públicas e 20 em escolas privadas. O material empírico deverá ser analisado com base na análise de conteúdo de Bardin e no Software ALCESTE, à luz de teóricos contemporâneos da área de pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar o olhar de mães de crianças com diferentes idades e contextos escolares, sobre relações parentais.

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 2.584.824

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos descritos são mínimos, conforme a Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), estando associados a possível evocação de afetos e sentimentos que podem causar ansiedade ou outra forma de desconforto subjetivo. Todavia, como a participação é voluntária, os riscos são considerados mínimos, mediante a contribuição que a pesquisa poderá proporcionar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é avaliada como relevante uma vez que, como assevera a autora, seus resultados podem auxiliar aos pais, principalmente às mães, no processo de educação das crianças, podendo proporcionar melhorias nas relações parentais e desenvolvimento mais saudável das crianças.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisa apresenta em anexo os seguintes termos exigidos, conforme a lista de checagem da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde: termos de autorização institucional para realização da pesquisa; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todavia, não apresenta, dentre os anexos, o "Termo de concordância com o projeto de pesquisa", assinado pela orientadora e pelas orientandas; termo de responsabilidade da pesquisadora responsável; termo para gravação de voz, pois tem a entrevista como uma das técnicas de coleta de dados.

Recomendações:

Enviar relatório de conclusão do estudo na Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa é avaliada como relevante, atual e exequível.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1083093.pdf	27/02/2018 10:39:38		Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	27/02/2018 10:38:41	ANA CRISTINA RABELO LOREIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	26/02/2018 21:32:47	ANA CRISTINA RABELO LOREIRO	Aceito

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
 Bairro: Bodocongó CEP: 58.109-753
 UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
 Telefone: (83)3315-3373 Fax: (83)3315-3373 E-mail: cep@uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 2.584.824

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO.pdf	26/02/2018 21:31:59	ANA CRISTINA RABELO LOREIRO	Aceito
-----------------------------------------------------------	-----------	------------------------	--------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 06 de Abril de 2018

Assinado por:
Marconi do Ó Catão
(Coordenador)

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universtário
 Bairro: Bodocongó CEP: 58.109-753
 UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
 Telefone: (83)3315-3373 Fax: (83)3315-3373 E-mail: cep@uepb.edu.br

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

(OBS: Para o caso de pessoas maiores de 18 anos e que não estejam inseridas nas hipóteses de vulnerabilidade que impossibilitam o livre discernimento com autonomia para o exercício dos atos da vida civil).

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “**Análise das Relações Parentais Sob o Olhar de Mães de Crianças de Diferentes Idades e Contextos Escolares**”.

Declaro ser esclarecido (a) e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **Análise das Relações Parentais Sob o Olhar de Mães de Crianças de Diferentes Idades e Contextos Escolares** terá como objetivo geral **Analisar o olhar de mães de crianças com diferentes idades e contextos sociais, sobre as relações parentais.**

Ao voluntário caberá a autorização para, **a aplicação de questionários sociodemográficos e a utilização de entrevistas semiestruturadas.** Os riscos previstos conforme a Resolução **CNS 466/12/ CNS/MS Item V**, são:

Os riscos da pesquisa são mínimos, considerando que não se prever qualquer alteração na estrutura do sujeito. Ademais, a equipe responsável tomará todas as precauções para treinar devidamente os pesquisadores para seguir as determinações do Conselho Nacional de Saúde.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução N.º. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo. Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) **99352-2232** com **Ana Cristina Rabelo Loureiro JUNTO A CONEP-PLATAFORMA BRASIL** ou ter suas dúvidas esclarecidas e liberdade de conversar com os pesquisadores a qualquer momento do estudo. Se houver dúvidas em relação aos aspectos éticos ou denúncias o Sr (a) poderá consultar o CEP/UEPB no endereço: Rua das Baraúnas, 351- Complexo Administrativo da Reitoria, 2º andar, sala 229; Bairro do Bodocongó - Campina Grande-PB nos seguintes dias: Segunda, terça, Quinta e Sexta-feira das 07h00 às 13h00.

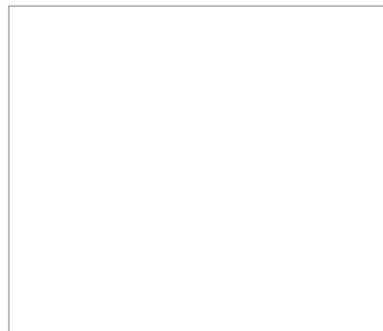
Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do Participante da Pesquisa (OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do participante).



AGRADECIMENTOS

Ao Criador, pela graça de nunca me desamparar diante das dificuldades.

À Ana Cristina Rabelo Loureiro, orientadora deste trabalho, pelo nível de sua orientação, por me conceder a oportunidade de ingressar em seu grupo de pesquisa e conhecer o seu belo, rico e necessário trabalho, sendo este de extrema relevância para a sociedade e a psicologia e por seu apoio sincero e ético.

Aos meus familiares pela força, exemplo, compreensão, crença incondicional na minha capacidade, amor e paciência.

Aos professores José Andrade Costa Filho e Maria Lígia de Aquino Gouveia convidados para compor a banca examinadora deste trabalho, pela disponibilidade e conhecimentos que puderam mediar ao longo da minha trajetória acadêmica, com sabedoria e competência profissional.

À Silvia (Lena), Inalda, Pascoal e Robson funcionários do departamento de Psicologia, pela atenção, apoio e principalmente simplicidade e afetividade no relacionamento com as pessoas.

E com muito carinho, às minhas queridas e inesquecíveis amigas da graduação e da vida (*Alanna Santos, Glorivânia Amorim, Jaqueline Lorrani Maia, Laura Dantas, Louise Gabriele Pessoa, Rosiêne Vieira & Rainny Brito*) pelas experiências profissionais e pessoais compartilhadas, companheirismo, apoio, ternura, fortaleza, amizade e amor. Obrigada por todos os momentos, por todos os sorrisos e abraços fraternos, que o dom de tocar almas humanas nunca seja perdido e/ou corrompido. Amo Vocês!!!